

MÁRIO DE ANDRADE CORRESPONDENTE

José Augusto Avancini*

O que eu valho, talvez fique mais na carta e nas formas subterrâneas da vida, as conversas, a presença do amigo, a força de uma inteligência auxiliar (carta a Henriqueta Lisboa, setembro de 1941).

A importância do estudo da Epistolografia de Mário de Andrade vem assumindo uma dimensão cada vez maior no cenário dos estudos literários e culturais brasileiros. Os anos oitenta propiciaram o aparecimento de um número crescente de obras publicadas com a correspondência de Mário a diversos intelectuais e escritores. Assumiram particular importância pelo volume, pelos temas tratados e pelo cuidado com que o destinatário completou as informações com notas exaustivas, as cartas endereçadas a Carlos Drummond de Andrade, trazidas a público em 1982. Desde então se avolumaram as publicações, sendo a última as destinadas a Luiz da Câmara Cascudo, editadas em 1991.

Desde 1958, quando Manuel Bandeira decidiu publicar boa parte das cartas que recebeu do amigo e companheiro, até o presente momento, foi publicado um total de 20 volumes. A esse conjunto de acrescenta a correspondência inserida como apêndice em livros e a que se registrou em revistas de jornais, perfazendo todas um impressionante e

* Professor do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

majestoso universo de mais de mil cartas endereçadas a um grupo, também variado de pessoas, desde companheiros e amigos chegados a pessoas nunca vistas e de diversas idades e experiências.

A magnitude da correspondência se dá não só pela quantidade e extensão - algumas são de várias páginas, como a que escreveu a Oneyda Alvarenga em 14/09/1940, chegando a um total de 60 páginas manuscritas -, como pela vastidão dos assuntos abordados e pela riqueza de enfoques com que trata vários temas de interesse na época, e ainda agora, para os estudos da cultura brasileira contemporânea.

Antonio Candido, com a lucidez e percuciência que lhe caracterizam o pensamento, logo após a morte de Mário, previu:

Há com efeito muitos Mário de Andrade, além dos já conhecidos, que vão se revelando aos poucos, entre estes, o homem que escrevia cartas. A sua correspondência encherá volumes e será porventura o maior monumento do gênero na língua portuguesa; terá devotos fervorosos e só ela permitirá uma visão completa da sua obra e do seu espírito.¹

Essas afirmações de 1946 se concretizaram, na medida em que as publicações da correspondência ativa aumentaram o conhecimento do público sobre a multiplicidade de temas que Mário tratou com vários correspondentes. Quanto ao volume da correspondência, talvez seja o mais significativo acervo em língua portuguesa, se compararmos o conjunto publicado com os dos maiores epistológrafos portugueses, acervos relativamente pobres, como bem notou André Crabbé Rocha, em estudo pioneiro sobre a epistolografia em Portugal.² De qualquer modo, o fato é que já nos anos cinquenta, se confirmavam as previsões de Antonio Candido. Edgar Cavalheiro, ao tratar da correspondência de Monteiro Lobato, afirmava que:

um rápido apanhado do que se publicou até agora mostra-nos, realmente, o pauperismo das nossas letras nesse terreno. Algumas magras e desinteressantes epístolas de Machado de Assis, outras pou-

¹ Lembrança de Mário de Andrade. In: *Brigada Ligeira e outros escritos*. São Paulo: Unesp, 1992, p. 209.

² ROCHA, André Crabbé. *A Epistolografia em Portugal*. Coimbra: Livraria Almedina, 1965.

cas de Joaquim Nabuco, Euclides da Cunha, Jackson de Figueiredo, Rui Barbosa. Recentemente tivemos a correspondência de Antonio Torres e Capistrano de Abreu. Pouco mais se poderia mencionar. Acontece que com exceção de Mário de Andrade, talvez só Monteiro Lobato, entre nós tenha levado a sério essa obrigação de acusar o recebimento de um livro, de uma carta ou sair dos seus ócios para aplaudir uma obra, um simples artigo de jornal, ou debater certos temas de interesse público.³

A atitude dos dois literatos era exemplar num país e numa cultura onde a tradição de responder cartas ou de manter debates através delas era praticamente muito restrita e não chegava a criar um hábito nem a compor um quadro razoável das práticas e idéias literárias, artísticas e culturais, que pudessem nos dar um conjunto mais completo do pensamento luso-brasileiro ao longo dos tempos.

Lembremos, ainda, a opinião de Homero Pires ao prefaciá-las *Cartas Políticas e Literárias* de Rui Barbosa em 1919: “É muito pouco, quase nada, para uma língua de sete séculos de ancianidade, e que se estende por mais de um hemisfério”⁴, referindo-se à produção epistolográfica em nosso idioma. Se compararmos essa afirmação com o estudo fundamental de André Crabbé Rocha, com quase cinquenta anos de distância, chegaremos às mesmas conclusões sobre a relativa pobreza de nossa epistolografia, se a compararmos, por exemplo, com a francesa. Apesar disso, o que está ao nosso dispor, embora lacunar, já nos fornece ricas indicações e material de estudo para desbravar e aprofundar aspectos não suspeitados ou pouco desenvolvidos nas obras e estudos de e sobre nossos intelectuais. André C. Rocha, ao fazer a defesa dessa área de pesquisa nos estudos literários e humanísticos nos indica a “*prodigiosa soma de pormenores concretos e de parcelas ideológicas que ficam a enriquecer, numa forma pitoresca e positiva, o nosso conhecimento íntimo dos escritores portugueses*”⁵, e, acrescentaríamos, dos brasileiros.

As cartas expõem o escritor de forma mais límpida, mostrando

³ CAVALHEIRO, Edgar. Prefácio. In: LOBATO, Monteiro. *Cartas Escolhidas*. 1º Tomo. São Paulo: Brasiliense, 1959.

⁴ PIRES, Homero. Prefácio. In: Barbosa, Rui. *Cartas Políticas e Literárias*. V. 1. Bahia. Livraria Catilina. 1919.

⁵ ROCHA, A. C. op. cit., p. 419.

todas as nuances de seu pensamento e a espontaneidade de suas reações diante dos acontecimentos que a vida lhe apresenta. Isso propicia um rico painel da realidade individual e coletiva de maneira a nos remeter a um passado que elas presentificam constantemente. Neste sentido, o conjunto da correspondência ativa de Mário de Andrade já publicado, nos permite um aprofundamento dos aspectos biográficos, histórico-sócio-culturais do período abrangido e principalmente dos aspectos teóricos do pensamento do autor, envolvendo a poética, a questão da nacionalização da arte e da cultura e de suas concepções sobre a atividade crítica em geral e da crítica de artes visuais em especial. Seus conceitos sobre arte, obra de arte, formação do artista, exercício da crítica são exaustivamente tratados ao longo de seus vinte e cinco anos de prática epistolográfica intensa.

Mário exerceu um constante debate de idéias com seus colegas e jovens escritores em formação. Com os primeiros troca confidências de toda ordem, como as que fez a Manuel Bandeira, nos dando o que André C. Rocha chamou de um “diário íntimo da obra”, através de discussão pormenorizada de sua produção poética e de suas idéias até 1935. Com os últimos é evidente o tom professoral doutrinador, mais aconselhando como um “irmão maior” do que impondo, ou criticando de forma cabal iniciativas e interpretações. Exemplo claro disso é a correspondência que manteve com Carlos Drummond de Andrade, Oneyda Alvarenga e outros.

Nas duas atitudes assumidas, é considerável a influência exercida por Mário, transcendendo sua época e se projetando até nós como uma sombra envolvente. Ciente dessa importância, Bandeira afirmou no prefácio ao volume publicado dessa correspondência:

Para um homem como Mário de Andrade não pode haver a morte “que acabe tudo”. Porque a sua obra é imperecível e por dois motivos: pelo valor intrínseco e pelo que há nela de interesse social. Mário foi o brasileiro que mais se esforçou na tarefa de “patrializar” a nossa terra”.⁶

Já Carlos Drummond leva essa admiração mais longe e nos indica

⁶ BANDEIRA, Manuel. *Cartas de Mário de Andrade a Manuel Bandeira*. Rio de Janeiro: Simões, 1958. p. 07.

o grau de sua amizade epistolográfica com Mário:

Estabeleceu-se imediatamente um vínculo afetivo que marcaria em profundidade a minha vida intelectual e moral constituindo o mais constante, generoso e fecundo estímulo à atividade literária por mim recebido em toda existência.⁷

Após o retorno de Mário a São Paulo, em 1941, a correspondência retorna com assiduidade e a velha confiança de sempre:

... continuamos a alimentar uma perfeita amizade, que afinal, só a mim aproveitou, em indicações, ponderações, advertências, conselhos, críticas e lições de arte e postura diante do mundo exterior. Compreende-se pois, o que tais papéis representam para mim: são parte integrante e vibrante da minha vida.⁸

Drummond aponta razões da correspondência marioandradina:

Não só os praticantes da literatura perderiam com a falta de divulgações de cartas que esclarecem ou suscitam questões relevantes de crítica, estética literária e psicologia da composição. Os interessados em assuntos relativos à caracterização da fisionomia social do Brasil também se veriam lesados pela ignorância de valiosas reflexões abrangentes de diversos aspectos da antropologia cultural.⁹

Estes poetas testemunham, portanto, a amplitude da atuação de Mário de Andrade como epistológrafo e de sua ação de convencimento no ambiente cultural brasileiro do modernismo.

Numa primeira abordagem do material publicado, podemos constatar uma nítida divisão cronológica correspondendo a temas e períodos

⁷ ANDRADE, Carlos Drummond de. Apresentação, in: ANDRADE, Mário de. *Lição do Amigo: Cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade*, anotadas pelo destinatário. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982, p. VII.

⁸ Idem, p. VIII-IX.

⁹ Ibidem, p. IX.

da vida de Mário. De 1920 a 1935 temos a predominância de temas referentes à criação artística, à constituição de uma poética própria, à preocupação com a questão da nacionalidade e o aproveitamento do material folclórico na produção erudita. Todos estes temas foram coordenados pela discussão central sobre a constituição de uma cultura erudita nacional e moderna, passando pelo debate do que seria o caráter nacional brasileiro.

Desde o começo está presente uma boa dose de auto-análise e vigora um tom positivo e otimista de encarar a vida e o trabalho com a arte. Esse período encerra com a “crise dos 40 anos” e o envolvimento com o Departamento de Cultura da cidade de São Paulo. Abre-se, então, um enterregno entre 1935 e 1938. A correspondência quase cessa. E quando existe são questões de trabalho que têm a primazia. Exemplo disso, são as cartas a Sérgio Milliet nesse momento. Com o Estado Novo altera-se a situação política de São Paulo e Mário afasta-se do Departamento de Cultura em maio de 1938, sob a falsa acusação de corrupção.

Começa seu “exílio no Rio”¹⁰, que durou até março de 1941, quando retorna a sua querida São Paulo. Anos tormentosos e de sucessivos desenganos e decepções que abatem seu espírito e o encurralam para uma atividade velada de desistências da vida. Inicia-se, então, para o estudo da correspondência de Mário, o segundo período (1938-45), marcado por uma profunda desilusão e total desencanto com as possibilidades de atuação do intelectual no cenário público via instituições governamentais. A depressão psíquica e os problemas de saúde são uma constante, assim como o recurso ao álcool e às drogas.¹¹ Começa o que poderíamos chamar de “suicídio discreto”, anunciado por Mário a seu amigo Paulo Duarte em carta desses anos.

O tom das cartas é de uma pungente auto-análise e profunda decepção consigo próprio e com seu trabalho. Outras questões adquiriam relevância na correspondência, como o papel do intelectual frente à situação política do momento, a arte socialmente comprometida, e a necessidade de enfatizar nos jovens de então uma boa formação teórica. A técnica artística é vista como uma questão moral central e como o melhor caminho para o comprometimento responsável. Nessa perspec-

¹⁰ Cf. CASTRO, Moacir Werneck de. Estudo, organização e notas. In: *Mário de Andrade: Exílio no Rio*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

¹¹ Idem.

tiva, aflora como de grande significação, o conjunto de cartas dirigidas aos jovens da Revista Acadêmica e em torno dela, por exemplo, Guilherme Figueiredo, Murilo Miranda, Moacir Werneck de Castro e Carlos Lacerda.

Podemos perceber nesse primeiro exame, apesar da marcada diferença entre os períodos, uma profunda coerência de atitudes, propósitos e temas; mesmo quando o tom otimista dos primeiros anos é sucedido pela amargura dos últimos. Da correspondência já publicada, parecemos que se destacavam pela continuidade e profundidade dos assuntos tratados, as cartas dirigidas aos seguintes destinatários:

- Manuel Bandeira: 1922-35;
- Carlos Drummond de Andrade: 1924-45;
- Paulo Duarte/Sérgio Milliet: 1922-45 (no conjunto);
- Oneyda Alvarenga: 1932-40; Henriqueta Lisboa: 1940-44;
- Grupo da Revista Acadêmica: 1934-45.

Há ainda o que poderíamos chamar de “correspondência de trabalho ou profissional”, desenvolvida após 1935, como a que o autor manteve com Paulo Duarte, Sérgio Milliet e Oneyda Alvarenga a propósito do Departamento de Cultura; ou ainda com Rodrigo Mello Franco de Andrade sobre seu trabalho no SPHAN, verdadeiros relatórios circunstanciados de suas atividades de pesquisador e conservacionista cultural.

A “fortuna crítica” ou “literatura crítica” sobre a epistolografia de Mário de Andrade é praticamente inexistente, assim como sobre a epistolografia no Brasil. Contudo, há referências isoladas em artigos, entrevistas e livros de diversos autores à necessidade e importância de um estudo pormenorizado desse material por parte daqueles que se ocupam de assuntos brasileiros.

Exemplo disso, é o artigo de Silviano Santiago de 1987¹², onde faz o balanço das relações entre o intelectual e o estado, estribado nas idéias de Pierre Bourdieu, através de seu principal representante no Brasil hoje, Sérgio Miceli. Na “discussão” que mantém com Antonio Candido, tomando vivamente o partido de Miceli na interpretação do papel do intelectual, ressalta a importância do estudo da correspondência, ao lado das memórias e das autobiografias. Citando Candido indi-

¹² SANTIAGO, Silviano. O Intelectual Modernista Revisitado, in: *Nas Malhas da Letra*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989. p. 165-75.

retamente, ao referir-se às menores de Oswald de Andrade, “Sob as ordens de Mamãe” (1954), indica-nos uma questão central da contemporaneidade, afirmando: “*Antonio Candido diz que uma literatura só adquire maioridade com memórias, cartas e documentos pessoais e me fez jurar que tentarei escrever já este diário confessional*”¹³. Aponta Santiago que só Oswald e Pedro Nava conseguiram uma produção memorialística de qualidade e já em período bem adiantado, longe dos ardores do modernismo.

Quanto a Mário de Andrade, destaca a importância do estudo de sua correspondência como “*contribuição inegável para o melhor conhecimento do modernismo e dos modernistas*”¹⁴, orientado pela questão específica, mas crucial, da participação política e da autobiografia que seria esclarecida pelo estudo das cartas e também das entrevistas dadas pelos artistas em exame. A partir desse pressuposto, analisa a correspondência de Mário e Oneyda, enfocando o momento da entrada de ambos no Departamento Municipal de Cultura de São Paulo, e todos os procedimentos adotados diante dos percalços encontrados. Aponta, nessa parte da correspondência, uma pretensa “ética andradina” que lhes regulariam, imaginariamente, a dignidade profissional e a liberdade de atuação administrativa. Silviano Santiago faz um belo exercício de análise, ao tentar desvendar os mecanismos de cooptação do intelectual pelo poder e suas reações práticas e ideológicas diante do “mercado de empregos públicos” existentes nos anos 30 e 40.

Seu pequeno ensaio nos dá uma amostra das possibilidades variadas que o estudo da correspondência permite ao pesquisador, ampliando espaços e destrinchando problemas. No levantamento bibliográfico prévio que realizamos, este é o texto que mais se aproxima de nosso tema de pesquisa. Isso vem corroborar a urgência de estudos mais sistemáticos e abrangentes sobre a correspondência marioandradina, como o que pretendemos realizar sobre a crítica de arte.

¹³ Idem, p. 168.

¹⁴ Ibidem, p. 169.